



O estranho, silencioso e o fantástico em “La mano en la tierra”, de Josefina Plá

The stranger, silencious and fantastic “La mano en la tierra”, by Josefina Plá

Carolina Barbosa Lima e Santos¹

Resumo: Proponho neste artigo uma análise do conto *La mano en la tierra*, de Josefina Plá. Nesta narrativa, Plá trata de mazelas sociais, próprias de um contexto colonial, que ainda se fazem presentes na sociedade latino-americana contemporânea. A hierarquização entre os diferentes gêneros e etnias, o anseio pelo poder e a repressão do “outro” são questões debatidas em *La mano en la tierra*.

Palavras-Chaves: Literatura Latino-Americana; Alteridade; Relações de Gênero.

Abstract: What I propose in this article is the analysis of the short story *La mano en la tierra*, written by the the Paraguayan writer Josefina Plá. In this narrative, Plá addresses the social ills of the colonial context that are still a problematic in contemporary Latin American society. The hierarchy between the different genders and ethnicities, the desire for power and the repression of the "other self" are issues which are approached by Josefina Plá in *La mano en la tierra*.

Key Words: Latin American Literature; Otherness, Gender Relations.

Valendo-me da ideia de Ricardo Piglia, expressa em seu ensaio *Teses sobre o conto*, de que “um conto sempre conta duas histórias” (PIGLIA, 2001, p. 24), de que cada uma delas é contada de maneira diferente e de que esta pequena narrativa encerra uma história secreta, construída para fazer aparecer artificialmente algo que estava oculto, proponho neste ensaio a leitura de primeiro (enredo) e segundo (história oculta) nível² do conto *La mano en la tierra*, de Josefina Plá³.

Numa leitura de primeiro nível de *La mano en la tierra*, deparamo-nos com a história de Blás de Lemos, colonizador espanhol que se encontra em seu leito de morte, em meio às terras coloniais paraguaias. Agonizando, Blás de Lemos tem em volta de si a

¹ Mestre em Teoria Literária e Estudos Comparados (2012) e Graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2009). Email: carolsartomen@gmail.com

² A questão das leituras de primeiro e segundo nível é tratada por Umberto Eco em seu ensaio *Ironia intertextual e níveis de leitura*, leiamos um trecho de seu texto em que o autor nos explica a estas diferentes leituras sobre um texto literário: A bem dizer, é no jogo entre dois níveis de leitura que se coloca o duplo modo de entender a catarse na *Poética* aristotélica e na estética em geral: sabemos de fato que da catarse pode-se fazer seja uma interpretação homeopática, seja uma leitura alopatia. No primeiro caso a catarse nasce do fato de que o espectador da tragédia é realmente presa da piedade e do terror, e até o espasmo, de modo que, ao padecer as duas paixões, delas se redime, saindo liberado da experiência trágica; no segundo caso, o texto trágico nos distancia da paixão representada [...] e dela nos liberamos não ao experimentá-la, mas apreciando o modo como é representada [...] Porém é no segundo nível que se decide se o texto tem um ou mais sentidos, se vale a pena ir buscar o sentido alegórico [...] (ECO, 2003, p. 209).

³ Escritora paraguaia nascida no ano de 1909 e falecida no ano de 1999, Paraguai.

companhia de sua esposa índia Úrsula, de sua filha mestiça Cecília, de seu confidente Frei Pérez e, no último momento de sua vida, de seu filho mais jovem (igualmente mestiço), Diego.

Neste seu momento de passagem, “*sombras hace tiempo quietadas se han puesto de pie en su memoria, se mueven sonámbulas a una luz sesgada, dura*”⁴ (PLÁ, 1996, p. 18) e, por meio das brumas das memórias de Blás, conhecemos alguns de seus segredos mais íntimos e profundos, tais como o abandono da esposa espanhola (que se encontrava grávida quando a deixou ao partir para a América), seu desejo e anseio pela exploração do “novo continente” e sua relação de assombramento para com a população daquele lugar (inclusive para com seus próprios filhos). As lembranças de Blás de Lemos são de tal modo intensas, soberanas e incontroláveis que “poderíamos dizer que o passado [do personagem] *se faz [seu] presente.*” (WEINHARDT, 2004, p. 28). As interrupções no tempo cronológico da narrativa mostram-nos que as visões de um conflituoso passado vivido e/ou construído pelo personagem, muito longe de poderem ser eliminadas, perseguem-no e escravizam-no assombrando a todo o momento a sua realidade de morte. Neste discurso memorialístico (delirante) narrado, por vezes, por um narrador onisciente e, por outras, pelo próprio personagem, “o que se vive é o que se relata, e o que se relata é o que se vive” (WEINHARDT, 2004: 26).

Por se tratar de uma estrutura narrativa curta, Josefina Plá vale-se de uma linguagem metaforizada e repleta de imagens para nos apresentar de uma maneira (rica e) concisa a memória de Blás de Lemos. O uso de certas imagens ao longo do conto proporciona-nos diversas leituras a partir de pequenos trechos, tal como podemos observar ainda no início da narrativa, quando o narrador onisciente nos descreve a cena de camalotes envolvidos por serpentes boiando pelo rio e levando consigo os mistérios da terra de onde vieram, sempre sedutora, estranha e incompreensível para o personagem colonizador espanhol: “*De cuando en cuando, la isla náufraga de un camalote pasa boyando. Con é navega el misterio de tierra adentro, atado a veces con el nudo escamoso de una víbora*”⁵ (PLÁ, 1996, p. 15).

Retomo agora a tese de Piglia, de que um conto sempre conta duas histórias, para propor a ideia de que, num primeiro momento, podemos ler no trecho citado a cena literal de camalotes boiando no rio, mas, numa leitura mais atenciosa, podemos compreender ali a representação alegórica da visão de Lemos sobre aquelas terras (estranhas e

⁴ sombras há tempos quietadas se puseram de pé em sua memória, se moviam sonâmbula a uma nesga luz (Tradução minha)

⁵ De quando em quando, um camalote passava boiando e com ele navegava o mistério da terra adentro, amarrado às vezes com o nó escamoso de uma víbora (tradução minha).

atraentes) expressa na figura do camalote que assombra a sua memória, metaforizada, por sua vez, na figura do rio. Nesta leitura de segundo nível, podemos notar que em *La mano en la tierra* a memória do personagem protagonista, Blás de Lemos, expressa na história do primeiro plano do conto, se apresenta, no segundo, como uma “matéria prima” em que o sujeito é menos importante que os efeitos de seu discurso” (WEINHARDT, 2004, p. 181).

Valer-me-ei então dos assombros de sua memória para propor, a partir desse discurso, discussões acerca de questões ampla e continuamente debatidas em nossa contemporaneidade, tais como a **relação de estranhamento entre colono e colonizado**; a **invasão e exploração do continente latino-americano pelos europeus** que concebiam o “novo” espaço meramente como um *território* e jamais como um lugar habitado por uma população nativa (cuja cultura, hábitos e leis se diferenciavam dos seus)⁶; a **relação de poder e submissão entre os diferentes gêneros e etnias** e a **antropofagia cultural** realizada pelos ameríndios com a cultura de seus colonizadores.

Podemos notar, por meio de fragmentos da memória de Blás de Lemos, o medo do colonizador, consciente de que os sujeitos coloniais, sufocados pelo cotidiano intolerável de infelicidade, sustentados pela fome, pela doença, pela morte e pela violência e cerrados em vidas privadas de qualquer futuro, serem tomados pela vontade e necessidade de romper o silêncio e dar um ponto final “ao horror mudo de cada dia, à condição de animal” (PETER; FAVRET, 2010, p. 187) a qual estão confinados. Blás parece entender que, embora estranha e silenciosamente, esses sujeitos excluídos esperam e planejam em códigos misteriosos a oportunidade de contra-ataque, pelo dia em que sairiam das margens, tomariam a palavra e devolveriam aos espanhóis os crimes que sofreram durante a colonização:

- Y llevan en sus brazos a tu hijos hasta quebrarse la espalda, y los amamantan hasta derrumbar toda gallardía. Y los podrías matar y nada dirían, pero tú sientes que esos hijos que podrías inmolar como Abraham al suyo, no son tuyos, porque al mirarlos hay en sus ojos un pesadizo secreto por el cual se te escabullen, y van al encuentro de sus madres en rincones sólo de ellos conocidos, y nunca puedes alcanzarlos allí...

⁶ Segundo Bhabha, em *O local da cultura*, “[...] a imaginação colonizadora concebe suas dependências como um *território*, jamais como um *povo*” (2005: 144)

- ... Y les mandas y te obedecen, los ojos bajos; en vano querrás hallarlos en rebeldía; pero sus labios se aprietan sobre razone que nunca podrás hacer tuyas y sus pies hilan caminos que tú nunca podrás levantar. Y su obediencia te deja defraudado de amor, y su silencio está poblado de cantos extraños... (PLÁ, 1996, p. 20)⁷

Ainda que, devido à concisão da estrutura narrativa do conto, “alguns aspectos sejam somente sugeridos, sem que se especifique seu verdadeiro significado” (BITTECOURT, 1998, p. 177), podemos observar também que a construção discursiva da colônia, feita pelo colonizador (na voz moribunda de Blás de Lemos), apresenta-a enquanto um ambiente exótico, turvo e atraente, habitado por seres estranhos e bestiais:

- ...Son tierras de un rico verdor; tan verde, que creerías guardaron para sí todo el verdor que les falta a tus tierras castellanas. Y hay flores y bestias extrañas, tal cual las debió ver nuestro padre Adán al despertar crecido y sin remordimiento e aquella mañana primera. Pero los crepúsculos rápidos y excesivamente coloreados no conocen el ritmo lento y señorial de los cielos nuestros y sus árboles enloquecidos como si se hubiesen hecho yelmo de un pedazo de aurora, sólo son eso: flor: no portan fruto que te alimente y satisfaga... (PLÁ, 1996, p. 19)⁸

A criação discursiva ambivalente desse cenário colonial estereotipado (um paraíso bestial) expressa de maneira alegórica pela memória de Blás de Lemos contribui decisivamente na formação de sentidos do conto, que trata desta relação de

⁷ “E carregam em seus braços os seus filhos até lhe quebrarem as costas, e os amamentam até derrubarem toda a graça. E poderia matá-los que nada diriam, mas você sente que estes filhos que poderia sacrificar tal como Abraão sacrificou o seu, não são seus, porque a olhá-los havia em seus olhos pensamentos secretos pelos quais se escondem, e vão ao encontro de suas mães cantando cantos conhecidos apenas por eles, e nunca pode alcançá-los ali...”

-... E lhes manda e te obedecem, olhos baixos, em vão querer encontrá-los em indisciplina, mas seus lábios são pressionados por razões que nunca poderão ser suas e seus pés fazem caminhos que você nunca consegue alçar. E sua obediência te deixa desiludido no amor, e o silêncio é cheio de cantos estranhos...”

⁸ ... São terras ricamente verdes, tão verdes, que você acreditaria que guardam para si todo verdor que lhe falta nas suas terras castelhanas. E havia flores e a bestas estranhas, tal qual devia ter visto o nosso pai Adão ao acordar crecido e sem remorso naquela primeira manhã. Mas os crepúsculos rápidos e excessivamente coloridos não conhecem o ritmo lento e altivo dos nossos céus e suas encantadoras árvores cujas cascas parecem ser feitas de pedaços de aurora, são apenas isso: flor: não dão frutos que te alimente e satisfaça... (Tradução minha).

assombramento e poder do homem adulto, branco, patriarcal e letrado sobre os índios (e índias) e mestiços em meio às terras paraguaias. Por meio da voz memorialista de Blás de Lemos, esta “síntese viva e/ou uma vida sintetizada” (CORTÁZAR, 2006, p. 150) do sujeito colonizador, podemos compreender que, neste tipo de discurso,

[...] é a força da ambivalência que dá ao estereotipo colonial sua validade: ela garante a repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes; embasa suas estratégias de individualização e marginalização; produz aquele efeito de verdade probabilística e predictabilidade que, para o estereotipo, deve sempre estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente (BHABHA, 2007, p. 105-106)

Em *La mano en la tierra*, a antropofagia cultural realizada pelos ameríndios, apresentada pela perspectiva colonizadora de Blás de Lemos, longe de ser colorida e alegre, tal como aquela desenhada por Oswald de Andrade⁹, é posta em cena como uma habilidade estranha e sorrateira dos índios “selvagens”. Leiamos um trecho do conto em que Lemos apresenta essa “estranha” capacidade dos ameríndios de “digerir” a cultura espanhola:

- ... Y tu les ensiñaste a tocar tu guitarra clara, tan distinta de sus raros instrumentos de ahogado gemir, y ellos aprendieron pronto; pero cuando empezaron a tocar solos, su música no era ya la que tú conocías, y era como cuando en los sueños alguien ha cambiado tu rostro y tu espejo no te reconoce...

- ... Y escuchan atentemente a los hombres de Dios que traen Su Palabra, y reciben contentadamente el bautismo; pero adivinas que cuando le hayan acogido para siempre, ya no será el mismo, porque

⁹ Em seu *Manifesto Antropofágico*, publicado em 1º de maio de 1928 no jornal *Diário de São Paulo*, Oswald de Andrade propõe-nos, a partir da metáfora da deglutição do alheio, uma maneira irreverente de compreender a capacidade do sujeito latino-americano de assimilar e transcender a cultura dos colonizadores europeus: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Uma consciência participante, uma rítmica religiosa. Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar. Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nos a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. [...] Contra o mundo reversível e as idéias objetivadas. Cadaverizadas. (ANDRADE, 2008, p. 36).”

ellos abran descubierto que El puede tener también se rostro, y se lo cambiarán... (PLÁ, 1996, p. 20)¹⁰.

Nesse conto, Josefina Plá põe em cena a figura feminina por meio de personagens alegóricas fadadas ao papel de dependentes e submissas aos seus senhores espanhóis brancos. Em *La mano en la tierra*, Isabel, Úrsula e Cecília encenam as três diferentes faces femininas presentes em um contexto de colonização: a mulher branca, a índia e a mestiça, respectivamente. Embora muito diferentes umas das outras, as três personagens, vivendo num mesmo ambiente de silêncio e submissão, são “mulheres que não conseguem escapar dos locais determinados culturalmente para o gênero” (RESENDE, 2006, p. 96) e, por isso, compartilham a importante característica de ser um objeto a ser usufruído de uma forma ou de outra pelos seus homens. Por meio da voz masculina colonizadora de Blás de Lemos, podemos notar que mesmo diferindo-se muito entre si, essas personagens representam um eu coletivo, um estereótipo de um retrato pintado há séculos e que ainda se mantém nos dias de hoje.

Isabel, espectro da memória de Blás, é apresentada enquanto uma “presença anônima ou coletiva na ficção” (LaGUARDIA-RESENDE *apud* REZENDE, 2006, p. 97). Abandonada ainda jovem e grávida pelo marido aventureiro, a mulher espanhola assume o papel de uma distante recordação de Blás de Lemos, que escolhera o domínio e o poder nas “novas terras americanas” à vida com o filho (que morreria sem que o pai jamais o conhecesse) e a esposa. Em *La mano en la tierra*, Isabel encena o papel da figura feminina dependente que “não requereu atenção histórica” (LaGUARDIA-RESENDE *apud* REZENDE, 2006, p. 97), da esposa branca desamparada e relegada ao esquecimento pelo valente desbravador do “fantástico” continente latino-americano. Leiamos um trecho da narrativa no qual a lembrança da esposa espanhola vaga sobre a memória de Lemos:

HACE rato se fue franciscano, dejando tras de sí a promesa de volver con los Oleos, e un penoso surco de luz en la conciencia de Blas de Lemos. [...] sombras hace tiempo quietadas se han puesto de pie en su memoria, se mueven sonámbulas a una luz sesgada,

¹⁰ - ... E tu lhe ensinastes a tocar teu violão claro, tão diferente de seus raros instrumentos de abafado gemido e eles aprenderam prontamente, mas quando começaram a tocar solos, suas músicas não eram as que tu conhecias, e era como quando nos sonhos alguém troca seu rosto e teu espelho não te reconhece. -... E escutam atentamente os homens de Deus que trazem Sua Palavra, e recebem alegremente o batismo, mas adivinhas que quando lhe fugiram para sempre, nunca mais serão os mesmos (Tradução minha).

dura.[...] la imagen d Doña Isabel, la joven esposa, casi una niña, abandonada en la casona castellana. Prometió muchas veces hacerla venir; nunca lo cumplió. Estaba encinta cuando la dejó. Muy después supo que había dado a luz a un varón; que lo había llamado Blas, como el esposo olvidadizo. El joven Blas – pero no; no sería ya un joven: un hombre ya con la barba rubia quizá y los ojos azules – murió en aquella batalla... ¿Cómo se llamaba?... ah, sí, Lepanto, donde dice que tanta honra alcanzaron las armas españolas... Trata en vano de imaginarse al hijo que nunca vio... ¿Y ella, Isabel? Hace años que nadie le dice ya nada de ella. Quizá aún vive retirada en su casona, o en un convento, como tantas otras esposas y novias abandonadas. (PLÀ, 1996, p. 20)¹¹.

Apresentadas como “objetos negociáveis” (RESENDE, 2006, p. 93) Úrsula e Cecília não se encontram numa situação muito melhor que a de Isabel por terem consigo a companhia do senhor colonial Blás de Lemos. Úrsula, a velha esposa índia, é apresentada pela perspectiva de Lemos como “um animal ou um objeto” (RESENDE, 2006, p. 92) que lhe fora dado por um cacique enquanto símbolo de aliança e união entre as suas diferentes etnias:

A los pies de la cama, Úrsula acucillada masca su tabaco. Sus movimientos son mínimos y precisos. Hace menos ruido que la brisa en el pasto, afuera. El typoi a los costados deja ver por momento los pechos de cobre, voluminosos y alargados como ciertos frutos nativos. ¿Cuántos años tiene Úrsula?... ¿Cincuenta?... Quizá menos. Doce tenía apenas cuando, mitad rijoso, mitad risueño, la recibió de entre el rebaño núbil ofrecido por un empenacho cacique como prenda de alianza y de unión. Está vieja Úrula, con una vejes

¹¹ Há tempo se fora o franciscano, deixando para trás a promessa de voltar com os óleos e um penoso caminho de luz na consciência de Blás de Lemos. [...] sombras há tempos aquietaadas se puseram de pé em sua memória, se moviam sonâmbulas a uma nesga de luz, dura. [...] a imagem de Dona Isabel, a jovem esposa, quase uma criança, abandonada na casa espanhola. Prometera a ela vir muitas vezes, nunca o cumpriu. Ela estava grávida quando ele partiu. Muito mais tarde soube que ela havia dado à luz um filho, que tinha chamado Blás, como o marido esquecido. O jovem Blás - mas não, não seria já um jovem: um homem já com barba e olhos azuis, talvez? - Morreu naquela batalha... Como se chamava? ... ah, sim, Lepanto, onde ele disse que tanta honra alcançaram as armas espanholas ... Tentou imaginar, em vão, o filho que ele nunca vira... "E ela, Isabel?" Há anos que ninguém lhe dava notícias dela. Talvez esteja já morta. Talvez ainda viva retirada em sua grande casa, ou em um convento, como tantas outras esposas e noivas abandonadas (Tradução minha).

que no se cuenta por sus propios años sino por los de él, Don Blás[...] (PLÁ, 1996, p. 18)¹².

Desde então, Úrsula passou a viver a serviço de seu senhor espanhol, cuidando de suas terras, de sua saúde e abrigando dentro de seu ventre as sementes do provedor. Podemos notar que, na visão de Blás de Lemos, Úrsula “sofre, portanto, uma dupla determinação: por pertencer a uma classe social desfavorecida e por ser mulher” (RESENDE, 2006, p. 96). A personagem índia é descrita por Blás como uma figura exótica e serviçal que lhe dera seis estranhos filhos homens dentre os quais o mais jovem, Diego, é único bem-quisto pelo pai pelo fato de ser parecido consigo:

Úrsula en cambio le había dado seis varones. Seis mancebos pujantes. [...] Blas, no había podido entenderse nunca del todo con ellos. Siempre se había entendido mejor con la madre. [...] Con ella conversaban a las veces en su lengua, de la cual él, Blas de Lemos, no pudo nunca ahondar de todo los secretos. [...] Siempre sintió junto a ellos, aún al tenerlos en sus rodillas, que era e de esos seres por cuyas venas su sangre navegaba irremediable, un mundo aparte [...] a hijos que seguían siendo un poco extraño, siempre con un silencio reticente en el labio tímido y un fulgor de conocimiento exclusivo en los ojos oscuros; que cuando decían “oré”... Tranzaban en torno de ellos mismos un círculo en el cual él nunca había acabado de sentirse en lucha. Recordó a Diego, su ultimogénito varón. El único que había sacado los ojos azules. Blas lo amaba entre todos por eso, sin decírselo; aquel color parecía aclarar un poco el camino entre sus almas...¹³ (PLÁ, 1996, p. 16-17)

¹² Ao pé da cama, Úrsula, de cócoras, mascava seu tabaco. Seus movimentos eram mínimos e precisos. Fazia menos ruído que a brisa do lado de fora da grama. O typoi aberto nas laterais deixava, por vezes, à vista seus seios de cobre, volumosos e alongados, como certas frutas nativas. Quantos anos teria Úrsula? ... Cinquenta? ... Talvez menos. Tinha apenas doze quando meio briguenta, meio sorridente, recebeu-a dentre o rebanho como noiva oferecida por um cacique adornado de penas, como penhor de aliança e unidade. Úrsula está velha, com uma velhice que não prejudica a si, mas a ele, Don Blas. (Tradução minha).

¹³ Em vez disso Úrsula tinha dado seis homens. Seis jovens concorrentes. [...] Blás nunca pudera se entender com eles. Sempre se entenderam melhor com a mãe. [...] Conversavam com ela, por vezes na sua língua, da qual ele, Blás de Lemos, nunca pudera desenterrar todos os segredos. [...] Sempre sentiu junto deles, ainda que os tivesse sobre seus joelhos, que era daqueles seres em cujas veias seu sangue navegava irremediavelmente, um mundo à parte [...] um pouco estranhos, sempre com um silêncio reticente no lábio tímido e um fulgor de conhecimento exclusivo nos olhos escuros, que, quando dizia: " reze" ... puxava em torno deles mesmos um círculo em que ninguém, nem ele, o pai, o genitor, tinha um lugar; uma área de selva e de misteriosos chamados girando na luz taciturna de um planeta de cobre, um mundo com

Cecília, a doce e delicada filha de Lemos, apesar de lhe ser bem quista, não deixa de ser apresentada, tal como as demais, como uma mulher “coisificada” (RESENDE, 2006, p.96). Ao longo da narrativa, Cecília é posta em cena como uma figura silenciosa e obediente, que serve ao pai e que está destinada a servir, futuramente, ao seu marido. Ao lermos *La mano en la tierra*, podemos observar que a jovem mestiça, prometida ao filho de um amigo de Blas de Lemos (igualmente colonizador), encena de maneira alegórica uma geração que dará continuidade àquelas vidas de dependência e submissão feminina aos seus senhores maridos. Leiamos um trecho do conto no qual a personagem nos é apresentada:

Una voz, cerca, oxea un bicho. La voz cantarina de Cecilia. Cecilia con su tez clara, sus trenzas negras, sus ojos que si fueran un poco altos parecían andaluces. Blas piensa ella con ternura. Está prometida. La desposará el joven Velazco, e hijo más joven de Pedro Velazco, su viejo amigo hace poco difunto. Hela ahí en la puerta, como empujada por la luz pródiga: Cecilia con sus typois limpios, su flor en la trenza, sus diligentes pies descalzos.

- ¿Cómo os sentís, señor padre?... (PLÁ, 1996, p. 17)¹⁴

Em *La mano en la tierra* a situação das personagens “não se altera de forma milagrosa no final” (RESENDE, 2006, p. 98) do conto. Se, por um lado, Cecília representa de maneira alegórica a continuidade da dependência e submissão feminina, Diego, o único filho homem estimado por Blás de Lemos (pelo fato deste ser um mestiço de olhos azuis parecido consigo), representa, por outro, o papel de uma geração que dará continuação ao derramamento de sangue pela exploração das terras paraguaias.

- Me voy a Buenos Aires con Juan de Garay. Vuestra bendición, señor padre.

o qual ele nunca havia acabado de se sentir em luta. Lembrou de Diego, seu mais novo varão. O único que tinha puxado seus olhos azuis. Blás o amava entre todos por isso, sem o dizer, aquela cor parecia aclarar um pouco o caminho entre suas almas... (Tradução minha)

¹⁴ Uma voz nas proximidades oxea um bicho. Era a voz de Cecília. Cecilia, com sua tez clara, suas tranças negras e seus olhos, que se não fossem um pouco altos, pareceriam andaluzes. Blas pensava nela com ternura. Estava prometida. Seria desposada pelo jovem Velazco, o filho mais jovem de Pedro Velazco, seu velho amigo recentemente falecido. Ela estava na porta, como se fosse empurrada pela luz ofuscante: Cecilia com typois limpa, sua flor no cabelo e seus diligentes pés descalços.

- Como você se sente, senhor pai ...? (Tradução minha).

La mano de Blas se alza a duras penas, como un pájaro viejo; se posa incierta sobre la frente del joven Diego. Lo mira; ve los ojos azules, que parecen un poco extraviados en el color terrígena del rostro. Y como en las aguas de los arroyos de su niñez, Blas de Lemos ve en ellos hasta el fondo. En aquel rostro moreno, un poco tosco pero noble, en aquellos ojos azules, Blas de Lemos recupera por un instante, en un relámpago, toda su juventud desaparecida. Allí en esos ojos está a sangre soñadora y loca. La sangre destinada a verterse sin sosiego y sin tregua por los cuatro puntos cardinales.

- Dios te bendiga y lleve de su mano. Que t sangre prospere y tu progenie sea numerosa...

Tal vez quiso decir también: dichosa. Pero no sabe por qué no pudo decirlo (PLÁ, 1996, p. 22)¹⁵.

Tal como o pai, *que si ha vivid como pecador morirá como cristiano*¹⁶ agarrado à terra, um sujeito colonizador para quem a paz soava como *algo desconocido*¹⁷ (PLÁ, 1996, p. 21), Diego parece estar destinado a morrer e a matar pelo desejo de glória e poder em meios às terras latino-americanas. Assim, podemos notar que em *La mano en la tierra* o ciclo de lutas e repressão no contexto colonial não se encerra no final da narrativa, ao contrário, as figuras de Cecília e Diego encenam sua continuidade.

Ao por em cena personagens como Úrsula, Isabel, Cecília e Blás de Lemos, a escritora Josefina Plá, em *La mano en la tierra*, propõe-nos uma leitura sobre o contexto colonial diferente daquela que nos é imposta pela historiografia eurocêntrica, que narra uma bela epopéia repleta de nobres e valentes heróis, desbravadores das terras ameríndias. A figura feminina, desenhada na narrativa (em suas três diferentes faces) pela voz do colonizador como dependente e submissa ao seu senhor marido, bem como a figura do índio enquanto um “selvagem ameaçador”, sugere-nos um amplo debate em torno de questões que ainda assombram a sociedade contemporânea, uma vez que o

¹⁵ - Vou para Buenos Aires com Juan de Garay. “Vossa bênção, pai”.

Blas levantou suas mãos às duras penas, como um pássaro velho, e pousou incerta sobre o jovem Diego. Olhou-o, viu seus olhos azuis, que pareciam um pouco perdidos com a cor terrígena do rosto. E, como nas águas dos rios de sua infância, Blas de Lemos o olhou profundamente. Naquele rosto moreno, um pouco áspero, mas nobre, naqueles olhos azuis, Blas de Lemos recuperou, por um instante, em um relámpago, toda a sua juventude desaparecida. Nesses olhos há sangue louco e sonhador. O sangue destinado a ser derramado sem sossego e sem descanso pelos quatro pontos cardeais.

- Deus te abençoe e segure tua mão. Que teu sangue prospere e sua descendência seja numerosa ...

Talvez quisesse dizer também: feliz. Mas não soube por que não o pôde dizer. (Tradução minha).

¹⁶ Que vivera como pecador e morreria como cristão (Tradução minha)

¹⁷ Algo desconhecido (Tradução minha)

problema do repúdio às diferenças étnicas e à repressão sofrida pela mulher não foram resolvidos no contexto em que vivemos. Para Gilda Bittecourt, as narrativas latino-americanas como a de Josefina Plá,

[...] projetam uma intenção, inerente a um tipo de narrativa romanesca contemporânea, de desconstruir o relato numa referência privilegiada, unívoca, ou que remeta a uma origem absoluta (1998, p.180).

A leitura de *La mano en la tierra* permite-nos afirmar que Josefina Plá ainda hoje cumpre com o papel político e estético de um artista contemporâneo¹⁸, pois sua obra suscita debates (mais que) pertinentes à nossa realidade, apresentando-nos de maneira alegórica os estereótipos discursivos responsáveis pela hierarquização entre gêneros e etnias que continua a assombrar a sociedade ocidental. Assim, o conto poético de Josefina Plá, ao surtir o efeito desejado sobre seu destinatário e suscitar-lhe boas reflexões, pode fazer parte das artes consideradas grandiosas por Longino, pois segundo o filósofo:

Quando, pois, uma passagem, escutada muitas vezes por um homem sensato e versado em literatura, não dispõe a as alma a sentimentos elevados, nem deixa no seu pensamento matéria para reflexões além do que dizem as palavras, e, bem examinada sem interrupção, perde em apreço, já não haverá um verdadeiro sublime, pois dura apenas o temo em que é ouvida. Verdadeiramente grande é aquela o texto muita matéria para reflexão, de árdua ou, antes, impossível resistência e forte lembrança, difícil de apagar (1992, p. 76-77).

Cabe ao intelectual (e aos educadores) ler sua obra e promover debates e reflexões acerca das questões propostas pela autora. Encarar o horror da repressão, do

¹⁸ Valho-me aqui da idéia de Giorgio Agamben expressa em seu ensaio *O que é o contemporâneo?* no qual o pensador afirma que o contemporâneo não é necessariamente o cronologicamente o novo, mas sim aquele que “percebendo o escuro do presente é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo e relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que não provem de maneira nenhuma de seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder (AGAMBEN, 2009: 72).

reconhecimento e repúdio às diferenças, da exploração, da guerra e emocionar-se, chocar-se, ferir-se diante daquilo que a arte e, conseqüentemente, a realidade têm a dizer bem como refletir sobre o quão todas estas problemáticas são experiências de extrema importância para conscientização, politização e educação do sujeito contemporâneo. Faz-se necessário pensar na literatura como uma forma de intervenção política, estética e reflexiva sobre a nossa sociedade e elaborarmos, a partir dela, “um discurso crítico que corresponda, de fato, à natureza híbrida e heterogênea dessas produções ficcionais” (BITTECOURT, 1998, p. 181).

Bibliografia

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropofágico. In: *Discutindo Literatura*, São Paulo, Editora Ática, n.16, ano 3, p.36-37, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BITTECOURT, Gilda Neves. O conto Latino-Americano: confronto de imaginários. In: MARQUES, Reinaldo; BITECOURT, Gilda Neves. *Liminares críticos: ensaios sobre literatura comparada*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. P.173-181.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: CAMPOS, Haroldo de; ARRIGUCI Jr, Davi. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Coleção Debates). p.147-163.

ECO, Umberto. Ironia intertextual e níveis de leitura. In: *Sobre a Literatura*. Trad. Eliana Aguiar. São Paulo: Record, 2003. P. 199-218.

LONGINO. Tratado do Sublime. In: ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. Trad. Jaime Bruna. 5 ed. São Paulo: Cultrix: 1992.

PETER, Jean-Pierre; FAVRET, Jeanne. O animal, o louco, a morte. In: FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. 9 ed. Trad. de Denize Lezan de Almeida. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

PIGLIA, Ricardo. *Teses sobre o conto*. São Paulo: Folha de São Paulo, 30 dez.2001. caderno mais!, n.516, p.24

PLÁ, Josefina. La mano en la tierra. In: *Cuentos completos*. Asunción: El Lector, 1996. P.15-22

WEINHARDT, Marilene. *Ficção Histórica e Regionalismo: estudos sobre romances do Sul*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2004. (Pesquisa; n. 99).